

LINGUASAGEM

MALINI, Fábio. **A dualidade discursiva nas redes sociais**. In: **ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL**. Coordenação de Maria Eduarda Giering e Roberto Leiser Baronas. 25 jun. 2021. 1 vídeo (2h07min19s). Curso *on-line*. [s.l]: Associação Brasileira de Linguística, 2021.

Ademir Antônio Veroneze JÚNIOR¹

O minicurso *Análise do Discurso Digital*, oferecido pela Associação Brasileira de Linguística (Abralín), recebeu o professor Fabio Malini, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), para tratar do tema *A dualidade discursiva nas redes sociais*. O objetivo da aula foi dar saliência ao papel das redes sociais nos processos de transbordamento dos sentidos e na metaforização das interpretações à luz da Análise Crítica do Discurso (ACD).

Na ocasião, os participantes foram apresentados a um método inovador de trabalhar os objetos de pesquisa vinculados às redes sociais digitais, abordagem essa que coloca em primeiro plano o processamento e a representação gráfica de dados referentes a um material linguístico. Elaborado a partir de conceitos e premissas baseados nas ideias de Eduardo Viveiros de Castro (antropólogo), Bruno Latour (antropólogo, sociólogo e filósofo da ciência) e de matemáticos, Malini o chama de “método perspectivista da análise de redes sociais”. Os resultados obtidos com ele ensejam a etapa de interpretação de discursos, ou seja, o discursivista se debruça primeiramente sobre dados, e não sobre textos escolhidos por relevância em termos de funcionamento ideológico – como o fazem outros modelos de AD por meio de um gesto interpretativo enquanto ponto de partida dos procedimentos analíticos.

Entre as premissas anteriormente mencionadas, a principal delas talvez seja a de que as relações de poder não estão dissociadas dos meios onde circulam os discursos. Esse ponto de partida aborda o conceito de *plataformização*, referindo-se à tendência de permanência dos softwares no estágio beta, de forma que eles se encontrem em contínuo

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato pelo e-mail: ademirveroneze@ufrj.br.

desenvolvimento e se constituam como plataformas, permitindo outros *softwares* aportarem neles e oferecerem mais serviços.

De acordo com o professor, cabe observar que “plataformização” é parte de um rol de léxicos oriundos do campo da engenharia e, corriqueiramente, dizem respeito a relações de poder instituídas pelas plataformas. Tomando a noção de discurso como objeto de um campo que estuda as relações de poder inscritas nele, o professor explica que

dissociar da análise de um discurso falado – de um político, por exemplo – a base por onde esse discurso passa, se constitui e se reproduz é mais ou menos como discutir o discurso da imprensa sem colocar no interior dessa análise o ponto de vista da imprensa, a análise e as intenções dela. (MALINI, 2021).

Ele ressaltou ainda que tal dissociação leva a uma visão parcial e oculta relações de poder extremamente duras que estão sendo estabelecidas pelas plataformas. “Portanto, há aí um ator maquínico, comumente chamado como *lógica algorítmica*, que determina; molda; possibilita alguns atores dizerem e não outros; possibilita que determinadas mensagens circulem aqui ou acolá.” (*Ibid.*).

Outro conceito relevante é o de *perfil* ou *conta*, vinculado por Malini à noção de *ponto de vista*. Ele entende *perfil* não só como um nó da rede social digital, seguindo a concepção da engenharia, mas como *pessoa* – ainda que seja um robô naquela posição, naquele papel de enunciador. Pode-se reconhecer no perfil um ponto de vista do sujeito que está falando. Por conseguinte, quando o olhar do analista recai sobre as ligações entre os nós, isso implica ir além de tratar da interpretação de um sujeito, contemplando também uma importante dimensão relacional. Aliás, lembrou Malini, *relacionalidade* é inclusive um verbete do *Dicionário do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas* (2021), tradução recém-lançada de uma obra da discursivista Marie-Anne Paveau que trata de especificidades dessa materialidade digital.

Retomando Viveiros de Castro, o professor esclareceu o termo *perspectivista* presente na nomenclatura “método perspectivista da análise de redes sociais”. Para isso, lançou mão do conceito de “perspectivismo” formulado por Castro (1996), que parte do pensamento ameríndio. O artigo intitulado “*Pronomes cosmológicos*” traz à tona o fato de que aquele povo conjuga mais a terceira pessoa do plural (eles) do que a primeira pessoa do singular (eu), ao contrário do que é típico no pensamento ocidental – pensar o eu como primeiro. Logo, o ameríndio concebe o outro como algo que o fundamenta, que o constitui.

Seguindo essa linha de raciocínio, Malini concebe essa filosofia do outrem como uma filosofia própria de um pensamento de rede. Trata-se de

instituir as diferentes dinâmicas absolutamente individuais no interior de estruturas macro, as quais *fazem* o sujeito. Ou seja, aqui não é o sujeito que cria o ponto de vista. Numa lógica de rede, desde a ideia de *perfil*, é o ponto de vista (ou perspectiva) que faz o sujeito. (MALINI, 2021, grifos nossos).

Ele acrescentou que nesta lógica é preciso se conectar continuamente a outros, o que guarda estreita relação com o ato de abraçar um ponto de vista, o ponto de vista compartilhado. Nesse sentido, portanto, “pensar a singularidade é pensar também a multiplicidade que nos conforma” (*Ibid.*). Os perfis têm que estar entrelaçados entre si, seja pelo rótulo de *amigos*, seja de *seguidores etc.*, para constituir seus *feeds* – conjuntos de informações dos quais se alimentam – e retroalimentar outros, isto é, os perfis formam redes e têm essa condição relacional para sua prática languageira.

Entretanto, de que maneira o analista poderia ter uma visão geral do que está sendo dito sobre determinado tema, palavra-chave ou expressão em uma rede social diante das milhões de postagens que podem resultar da busca? Como poderia ele recortar seu objeto de análise nesse universo?

Na parte final da aula, Malini faz uma demonstração do método tomando como exemplo o perfil da Abralim no *Twitter*, plataforma que opera há mais de uma década. De acordo com o professor, ela é também a mais estudada por acadêmicos de diversas áreas justamente porque permite outros *softwares* pesquisarem nela – como, por exemplo, uma ferramenta desenvolvida pelo professor e sua equipe no Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), da UFES. Apresentando a aplicação, ele delineou uma abordagem metodológica de busca por *hashtags* com palavras e expressões e de observação dos padrões de uso. Posteriormente, buscou identificar o elemento relacional e o situacional e observar ‘o que eles dizem’ – no caso, agrupamentos lexicais com sentido de incentivar a virtualização dos encontros da associação como resposta ao isolamento social imposto pela pandemia do coronavírus.

Assim, uma das reflexões suscitadas pela aula foi acerca do modo como os analistas de discurso podem trabalhar com dados, mas sem se limitarem a eles. Calcados na ciência de dados, os analistas podem, por exemplo, investigar *padrões* relacionados ao modo como sujeitos e organizações se apresentam nas redes sociais; bem como identificar o que está sendo massivamente dito e quem está dizendo, propiciando a interpretação sobre como se formula tal dizer. Enfim, abre-se caminho para transitar do micro para o macro e do macro retornando ao micro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, 2 (2), 1996. p. 115-144.

GERBAUDO, Paolo: **The Digital Party**. Political Organisation and Online Democracy. London: Pluto Press. 2018.

LATOUR, Bruno *et. al.*. O Todo é Sempre Menor que as Partes: um teste digital das mônadas de Gabriel Tarde. **Parágrafo**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 7-26, ago. 2015.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. Org. Júlia Lourenço Costa, Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes, 2021.

VAN DIJCK, José *et al.* **The Platform Society**: Public Values in a Connective World. New York, NY: Oxford University Press, 2018. p. 226.